


---

**LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

---

**STEPHANIE DE OLIVEIRA SASS**

**QUAL O OLHAR DA ESCOLA PARA A DANÇA?**



Rio Claro  
2016

STEPHANIE DE OLIVEIRA SASS

QUAL O OLHAR DA ESCOLA PARA A DANÇA?

Orientadora: Professora Doutora Silvia Deutsch

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciada Plena em Pedagogia.

Rio Claro  
2016

793.3 Sass, Stephanie de Oliveira  
S252q Qual o olhar da escola para a dança? / Stephanie de  
Oliveira Sass. - Rio Claro, 2016  
38 f. : il., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)  
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de  
Rio Claro

Orientador: Silvia Deutsch

1. Dança. 2. Escola. 3. Corpo. 4. Educação. I. Título.

Dedico este trabalho à minha mãe, uma mulher simples que viu na educação uma maneira de dar uma vida melhor a sua filha e que lutou contra todas as dificuldades para me ver chegar aqui. Não foi fácil a nossa caminhada, mas hoje posso dizer valeu a pena. Mãe, esta vitória também é tua!

E ao meu esposo Tiago que sempre me apoiou e não me deixou desistir. Foram muitos anos de lutas, mas hoje estou concluindo esta etapa da minha vida e com a melhor pessoa ao meu lado: você, meu amor.

## AGRADECIMENTOS

Graça! Segundo Philip Yancey em seu livro “Maravilhosa Graça”, esta é a última palavra perfeita. Aquela que ainda “retém um pouco da glória original”, que não teve seu sentido corrompido ao longo dos anos e das mais diversas traduções. E hoje escrevendo os agradecimentos não encontro palavra que mais se adeque ao que estou sentindo. Gratidão. Só tenho a agradecer as dificuldades que passei para chegar até aqui e que moldaram o meu caráter e fizeram de mim quem sou hoje. Estou mais madura, mais forte e consciente, e talvez por conta disso saiba apreciar melhor o sabor desta grande vitória!

Agradeço primeiramente a Deus. A tua fidelidade, amor e graça me sustentaram em todos estes anos. Chegar aqui me faz ter a certeza que a porta que o Senhor abre ninguém pode fechar. Em todo tempo me provando que todas as coisas (até mesmo aquelas que não gostamos ou entendemos) cooperam para o nosso bem. Obrigada Pai.

Agradeço aos meus Pastores amados Renilson e Adriana, obrigada por todas as palavras de incentivo, por todas as orações e por me fazer acreditar mesmo quando nem eu acreditava mais. Amo vocês de todo meu coração.

Agradeço a Professora Silvia que acreditou no meu sonho, que tem um amor pela Dança tão grande que nos contagia. Professora, cada encontro com você foi uma benção para mim. Você foi a resposta das minhas orações e veio de encontro com tudo o que sonhei para esta pesquisa. Muito Obrigada.

Agradeço a Professora Carmem que me ajudou na primeira tentativa de entregar este trabalho. Suas orientações e contribuições foram de grande valia para este trabalho.

Agradeço as minhas grandes amigas, daquelas que a gente leva para a vida toda, Liliane e Marcela, vocês fizeram os anos iniciais passarem mais rápido, todas as risadas, as histórias, as brigas, tudo o que passamos juntas foi muito bom, aprendi muito com vocês, a levar os estudos mais a sério e a levar a vida de uma maneira mais leve! E Ma você é essa Coca-Cola toda! Meninas amo vocês e muito, obrigada por tudo.

Não posso deixar de agradecer a Andreza, Márcio, Isaias, Flavia, Angela e Décio, Renata, Nilzete e a Camila. Cada um de vocês foram determinantes em um momento deste trabalho (ou até em todos – não precisa ter lógica, eu sou de

Humanas!). Obrigada por não me deixarem desistir, por me fazerem acreditar em mim mesma. Cada palavra, cada gesto, cada momento de estudo me dava mais força para continuar. Vocês fizeram por mim muito mais do que era esperado ou pedido, foram excepcionais, talvez nunca consiga retribuir a todos a amizade com a mesma generosidade que me foi concedida, então só posso mais uma vez agradecer: Obrigada! Obrigada e Obrigada!

E eu sei que tem pessoas que não estão com o nome aqui, mas que torceram muito também para que eu conseguisse. A todos vocês, muito obrigada. E aqui estamos nós!

Com tantos agradecimentos assim posso ver como sou abençoada! Tenho muitos amigos e pessoas queridas ao meu redor. Obrigada a cada um que chorou junto, que orou comigo, que entrou nessa batalha. Eu venci! Nós vencemos!

*“Que aconteceria se, em vez de apenas construirmos nossa vida, tivéssemos a loucura ou a sabedoria de dançá-la?”*

(GARAUDY, 1980, p. 13)

## RESUMO

A dança está presente na História da humanidade. Desde as civilizações mais antigas, muitas danças serviram e ainda servem como característica de determinadas povos e regiões do mundo. Porém a dança vai muito além de algo cultural, é também uma forma que os indivíduos encontraram para expressar as mais diversas emoções sem que fossem necessárias as palavras. Pensando na importância da dança e em como ela se mantém presente em nossa sociedade, a escola seria o espaço ideal para conhecer a dança e gozar de seus benefícios. Sabemos que a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 garante o ensino de Arte – entende-se Música, Teatro, Artes Visuais e Dança – e que no ano seguinte foram disponibilizados os Parâmetros Curriculares Nacionais que contam com um livro para tratar especificamente sobre o ensino de Arte; então o presente trabalho visa pesquisar e responder tais questões: como ocorre o ensino de dança dentro do espaço escolar? Os professores estão recebendo uma formação adequada? E quais professores são os responsáveis pelo ensino da dança? O espaço escolar está preparado para o ensino da dança ou esta é uma realidade muito distante ainda? Para melhor compreensão do assunto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, a partir da revisão bibliográfica e legislações específicas. Concluiu-se que o ensino de dança evoluiu historicamente, conseguiu seu espaço dentro da escola, mas, infelizmente a lei não foi o suficiente para garantir o ensino nas vias de fato. Acreditamos que a subjetividade seja um problema no que diz respeito ao ensino, e muitos aspectos precisam ser aprofundados e outras perguntas devem ser realizadas para a discussão do tema dança na educação.

**Palavras-chave:** Dança. Educação. Corpo. Escola.



## **ABSTRACT**

The dance is present in human history. From ancient civilizations, many dances have served and still serve as a characteristic of certain peoples and regions of the world. But the dance goes way beyond something cultural, it is also a way that individuals found to express the various emotions without words were necessary. Thinking about the importance of dance and how it remains present in our society, the school would be the ideal place to learn to dance and enjoy its benefits. We know that the Law of Guidelines and Bases 9394/96 ensures the Art education - means Music, Theatre, Visual Arts and Dance - and the following year the National Curriculum Parameters were available that have a book to deal specifically about Art education; then the present work aims to research and answer these questions: How is the dance education within the school environment? Teachers are receiving proper training? And what teachers are responsible for teaching dance? The school environment is prepared for the teaching of dance and this is a very distant reality yet? For better understanding of the subject, a qualitative survey was conducted from the literature review and specific legislation. I conclude that the teaching of dance evolved historically managed their space within the school, but unfortunately the law is not enough to ensure teaching in blows. We believe that subjectivity is a problem with regard to teaching, and many aspects need to be deepened and other questions should be asked to discuss the topic dance in education.

**Keywords:** Dance. Education. Body. School.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	9
2 CAPÍTULO 1 - A HISTÓRIA DA DANÇA.....	12
2.1 A DANÇA E A ARTE .....	13
3 CAPITULO 2 – A DANÇA E AS LEIS.....	17
4 CAPITULO 3 – A DANÇA NA ESCOLA .....	20
5 CAPITULO 4 – A DANÇA E SUA IMPORTÂNCIA .....	24
6 CAPITULO 5 – UM OLHAR PARA A PRÁTICA DOCENTE.....	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	36

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido com o intuito de conhecer mais profundamente a área da Dança e como ela acontece nas escolas brasileiras. Dançar e ensinar faz parte da minha vida há muitos anos. Encontrei aqui a oportunidade de pesquisar sobre duas paixões e compreender como ocorre este encontro. O tema principal deste trabalho é a Dança, porém muitas vezes esta estará citada indiretamente, já que no que diz respeito ao ensino de dança no Brasil tudo é muito recente, e a dança em relação ao ensino é apenas uma vertente dentro da disciplina de Arte – dividindo espaço com artes visuais, música e teatro.

Aprender e se expressar através da Arte é tão natural ao ser humano que mesmo no tempo das cavernas esses dois fatores já estavam presentes.

“O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender, de algum modo, seu ofício. E, da mesma maneira, ensinou para alguém o que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos.” (BRASIL, 1997, p. 20).

A Dança esteve presente desde os primórdios da humanidade. Até mesmo na Bíblia existem relatos que mostram o povo de Israel utilizando a dança em celebrações (2 Samuel 6: 14,15,20,23), casamentos (Cantares de Salomão 6:13), cultos (Êxodo 32:19), entretenimento (Marcos 6:22-24; Juízes 21:33), mas também para demonstrarem suas emoções (Salmos 30:11,12; Lamentações de Jeremias 5:15,16; Jeremias 31:13). A dança e as demonstrações artísticas no geral se fazem presentes em praticamente de todas as culturas e sociedades, talvez por permitir ao ser humano se expressar sem a necessidade de uma comunicação verbal. A dança serve para contar a história de um povo, reforçando a sua identidade.

No Brasil não é diferente. A Dança em nosso país é extremamente popular e muito diversificada. Todas as regiões do Brasil tem suas danças típicas, como no caso da região Sul que tem o Pau-com-fitas, uma dança que lhe é característica graças a sua colonização alemã; o Carimbó no Pará; Frevo em Olinda; Samba no Rio e a Catira em Goiás.

Em um país onde a dança tem grande valor histórico e cultural, será que ela também está inserida no ambiente escolar? O espaço escolar está preparado para o

ensino da dança ou esta é uma realidade muito distante ainda? Ou a dança tem se perdido entre os demais conteúdos a serem ensinados? Qual profissional é o responsável pelo ensino da dança? O professor de Arte? Educação Física? Os professores de Arte e Educação Física estão tendo uma graduação que lhes permita ensinar dança aos seus alunos? Essas são as principais indagações que nos levaram a pesquisar a dança dentro da educação formal. Ao longo deste trabalho passo a responder ou aproximar ao máximo de discussões relacionadas a todas essas dúvidas.

Os procedimentos utilizados para alcançarmos os objetivos propostos foram através da realização de uma pesquisa bibliográfica. Partindo do levantamento de dados a partir de uma bibliografia previamente escolhida, mas principalmente verificando as legislações específicas – PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e LDB (Lei de Diretrizes e Bases da educação).

No desenvolvimento desta pesquisa conto brevemente a história da dança no mundo, suas conquistas e perdas ao longo dos séculos até encontrar com a dança no Brasil. No que se refere à Dança no Brasil existem os mais diversos tipos de fontes, científicas ou não, que tratam acerca dos mais diferentes tipos de dança.

Para descrever acerca da dança no Brasil mudamos um pouco o foco e tratar a respeito da dança e da Arte, pois foi assim que a dança conseguiu adentrar o ambiente escolar. Para falar sobre o ensino de dança no Brasil nos basearemos principalmente no PCN de Arte, que é o documento que norteia o nosso ensino. Este documento colabora, como o próprio nome sugere, como parâmetro para o ensino de modo geral para que não exista uma disparidade tão grande entre as regiões.

O PCN é um documento fruto de um novo momento que a Educação atravessou. Não apenas este documento que rege a Educação, mas também a Lei de Diretrizes e Bases (LDB). No desenvolvimento deste trabalho surgiu a necessidade de criar um capítulo paratratar apenas das leis que regulamentam o ensino de Arte – e conseqüentemente da dança – no Brasil, pois o que encontramos na maior parte de nossa bibliografia foi uma disparidade entre o que a lei prevê e o que acontece na prática. Destaque na maioria dos casos, as referências encontradas são do século XX, portanto, não podemos afirmar que atualmente persista esta disparidade entre as leis e o modo como se dá a introdução da dança nas escolas.

Em seguida foi aprofundada a questão relacionada ao ensino de dança e Arte nas escolas brasileiras e os problemas que a falta de uma formação adequada geram. Para tanto, nos apropriamos das experiências de diversos autores que também tiveram como objeto de estudo a dança, para ver pelos olhos destes, como a Dança acontece dentro das escolas e quais os desafios encontrados por aqueles que se dispõem a levar a Dança até estas escolas.

Na sequência separamos um capítulo para ressaltar a importância da Dança, seus benefícios e quais as vantagens que esta gera para aqueles que a praticam. Desejamos que este capítulo desperte o desejo em mais pesquisadores de estudar e se aprofundar neste mundo da Dança, permitindo às futuras gerações o conhecimento e estudo deste campo da arte.

No quinto capítulo nos aproximamos um pouco mais da prática. Analisaremos planos de trabalho de diferentes professores de Arte e Educação Física, com o objetivo de analisar como o ensino de Arte, previstos em lei e ministrados pelas universidades, ocorre no dia a dia. Suas limitações e preferências diante de todos os conteúdos assegurados legalmente.

## 2 CAPÍTULO 1 - A história da dança

A dança permeia a vida do ser humano desde as civilizações mais antigas, não apenas como forma de diversão, mas como demonstração de suas crenças durante cerimônias religiosas, para celebração de momentos como casamentos e até mesmo para agradecer pelas colheitas ou pedir chuva.

“Não apenas jogo, mas celebração, participação e não espetáculo, a dança está presa à magia e à religião, ao trabalho e à festa, ao amor e a morte. Os homens dançaram todos os momentos solenes de sua existência: a guerra e a paz, o casamento e os funerais, a sementeira e a colheita.” (GARAUDY, 1980, p. 13).

A dança foi durante muito tempo a melhor maneira que os indivíduos encontravam para poder externar seus sentimentos e emoções, fossem eles bons ou ruins. Usada muitas vezes em substituição a linguagem verbal.

“Em todas as épocas e em todos os povos, exceto no intervalo de 2.000 anos da história ocidental (*Idade Média*), a dança esteve enraizada em todas as experiências vitais das sociedades e dos indivíduos: as do amor e da morte, das guerras e das religiões.” (GARAUDY, 1980, p. 27) [Destaque do Autor].

Com o fim da idade média, não só a dança, mas toda forma de expressão artística que até então havia sido reprimida teve que ser reinventada, o homem que outrora era subjugado pela Igreja Católica agora passava a colocar em xeque até mesmo o Renascimento, que trouxe o homem para o centro do universo e não mais Deus.

“As artes tiveram que descobrir uma nova linguagem para expressar as necessidades e sentimentos do século XX. As regras da linguagem tradicional da maior parte delas tinham sido elaboradas e codificadas no Renascimento; a arte moderna começou, portanto, colocando em questão os postulados estéticos do Renascimento.” (GARAUDY, 1980, p. 42).

Durante a Idade Média, o poder da Igreja Católica cresceu exponencialmente. Esta dominava o povo com mãos de ferro e até mesmo as expressões artísticas como a dança sofreram com essa repressão. A dança passa a ser vista como um ato pecaminoso, extinguindo assim toda a sua forma de expressão popular. Sua prática ficou restrita aos grandes bailes da corte, onde os

contatos físicos eram quase inexistentes, ou se limitavam a apresentações de ballet clássico.

“A dança, no início do século XX, tinha-se transformado numa arte decorativa, desumanizada como uma rainha fútil e bonita, embalsamada no seu caixão de vidro. Com seu sorriso congelado, seus gestos imutáveis, seu tutu e suas sapatilhas rosa, ela estava na situação da Bela Adormecida, dormindo há cem anos enquanto o mundo mudava vertiginosamente ao seu redor.” (GARAUDY, 1980, p. 41).

A dança não perdeu apenas seu espaço durante a Idade Média, mas também sua expressividade. O que antes era vivido como forma de cultura, religião e expressão popular, com o passar do tempo perde seu papel vital e passa a restringir-se ao balé clássico, apresentados em teatros e com acesso negado a maior parte da população.

“Como pôde a dança que sempre foi, nas regiões não-ocidentais, a matriz da cultura e sua mais alta expressão de vida, ter chegado ao grau de decadência e futilidade do balé clássico no início do século XX?” (GARAUDY, 1980, p. 27).

## **2.1 A dança e a Arte**

Para entender melhor como a dança chegou até as escolas é preciso averiguar a trajetória do ensino de Arte, pois constatamos que não temos como falar sobre o ensino da dança no Brasil sem falar sobre a Arte, já que muitas vezes o ensino de dança está implícito ou é inexistente.

O ensino de Arte no Brasil se reinventou, agregou valores e mudou seu norte por diversas vezes. Essas mudanças de pensamento refletiam em sua maioria as mudanças de pensamento que a sociedade e a política brasileira passavam. Com todas estas mudanças, o ensino de Arte encontrava dificuldade para se estabelecer e acabou tendo que se encaixar na linha mais tradicional de ensino, onde dança e o teatro não tinha este espaço que a lei propõe nos dias atuais.

“No Brasil, na primeira metade do século XX, as disciplinas Canto Orfeônico, Desenho, Música e Trabalhos Manuais integravam os programas de escolas primárias e secundárias; o ensino de Arte visava a transmitir códigos, conceitos e habilidades técnicas referentes às linguagens artísticas. Isto é um reflexo da pedagogia

tradicional, vigente na educação escolar. É importante observar que a dança e o teatro eram reconhecidos apenas em festas de Natal, Páscoa, entre outras.” (BARRETO, 2008, p. 92).

Atualmente o PNC propõe que dentro das escolas exista um espaço para que a Arte se desdobre das mais diversas maneiras e que contemple a sua totalidade. Não apenas artes visuais, mas também a música, o teatro e a dança. Contudo, no início do século passado a dança e o teatro não passavam de apresentações isoladas do ensino, que muitas vezes não traziam em si grande ganho pedagógico.

“As atividades de teatro e dança somente eram reconhecidas quando faziam parte das festividades escolares na celebração de datas como Natal, Páscoa ou Independência, ou nas festas de final de período escolar. O teatro era tratado com uma única finalidade: a da apresentação. As crianças decoravam os textos e os movimentos cênicos eram marcados com rigor.” (BRASIL, 1997, p. 22).

Segundo o PCN de Artes, durante o século XX houve um avanço em relação a arte-educação gerado pelas mudanças educacionais que aconteceram na época. Pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, tais como antropólogos, filósofos, psicólogos, psicanalistas, críticos de arte e psicopedagogos se reuniram para pensar a respeito de um currículo de Arte para ser introduzido nas escolas, tendo como ponto central o desenvolvimento da criança. Concluíram que didaticamente, a melhor forma de conduzir o ensino de Arte era permitir que a criança criasse seus trabalhos artísticos da maneira mais espontânea possível, deixando o seu lado criador livre para fluir, com pouca ou nenhuma intervenção dos professores.

Ao adentrar na escola, este conceito foi ficando cada vez mais distorcido, a ponto dos professores se tornarem apenas expectadores das produções de seus alunos. As grandes obras, consideradas arte para adultos, foram se afastando cada vez mais das escolas para não comprometerem a espontaneidade dos alunos.

“É importante salientar que tais orientações trouxeram uma contribuição inegável no sentido da valorização da produção criadora da criança, o que não ocorria na escola tradicional. Mas o princípio revolucionário que advogava a todos, independentemente de talentos especiais, a necessidade e a capacidade da expressão artística foi aos poucos sendo enquadrado em palavras de ordem, como, por exemplo, “o que importa é o processo criador da criança e não o



produto que realiza” e “aprender a fazer, fazendo”; estes e muitos outros lemas foram aplicados mecanicamente nas escolas, gerando deformações e simplificações na ideia original, o que redundou na banalização do “deixar fazer” — ou seja, deixar a criança fazer arte, sem nenhum tipo de intervenção.” (BRASIL, 1997, p. 20).

A educação brasileira sempre buscou inspiração em pensadores estrangeiros. Com o ensino de Arte não foi diferente. Um movimento baseado no “pensador” Robert Read, o da “livre expressão” chegou às escolas de maneira equivocada, o que fez com que o professor e o ensino de Arte perdessem sua identidade. Tornaram-se apenas expectadores e não mais agentes ativos.

“De acordo com os PCNs – versão preliminar (Brasil, 1997<sup>a</sup>, p.4) –, a educação escolar assim como a educação em Arte foram marcadas por mudanças ocorridas em diversos aspectos, durante o século XX. Dentre estes aspectos, nota-se a concepção tradicional de educação, caracterizada pela transmissão de conteúdos ao aluno passivo, ser substituída por propostas escolanovistas, centradas no aluno ativo durante o processo educacional. No campo do ensino artístico, uma importante mudança ocorreu a partir do encontro entre Arte e outras áreas do conhecimento. E um movimento a ser destacado é o Movimento de Educação através da Arte, fundamentado pelo inglês Robert Read, que inaugurou a tendência à “livre expressão”, por volta da década de 1940. De acordo com os PCNs – versão preliminar – o objetivo fundamental desta proposta era facilitar o desenvolvimento criador. Esta ideia foi aplicada de forma equivocada nas escolas, contribuindo para a descaracterização do ensino de Arte.” (BARRETO, 2008, p. 91).

Porém, esse deixar fazer livre sem direcionamento prejudicou até mesmo o interesse dos alunos por Arte, e como esta não estava sendo utilizada da maneira correta. Houve um retrocesso no que diz respeito a Arte e seus conteúdos acabaram se dissolvendo nos planejamentos das demais disciplinas.

Nos anos 60, uma nova linha de pesquisa passou a ser considerada. Estudos estes que vinham exatamente questionar o pensamento que até então vigorava, o da livre expressão, o deixar fazer. Estes estudos pretendiam rever os conceitos da livre expressão para que a Arte pudesse ser reconhecida como forma de conhecimento.

“A reflexão que inaugurou uma nova tendência, cujo objetivo era precisar o fenômeno artístico como conteúdo curricular, articulou-se num duplo movimento: de um lado, a revisão crítica da livre expressão; de outro, a investigação da natureza da arte como forma de conhecimento.” (BRASIL, 1997, p. 21).

Dos anos 20 até aproximadamente os anos 70, o foco volta novamente para o aluno e seu desenvolvimento criativo natural. O professor é mais uma vez tido como o facilitador do conhecimento. Buscava-se cada vez mais a livre expressão dos alunos, até mesmo os professores buscavam romper com a reprodução do conceito de arte que até então era importado para criar algo que lhe fosse próprio. Boa parte deste despertar se deve a “Semana de Arte Moderna de São Paulo” que aconteceu em 1922, onde a Arte brasileira teve um crescimento e uma valorização sem precedentes.

Nos anos 70, novas linhas de pesquisa acerca de Arte se estabeleceram. O professor teve seu papel revisto e sua importância retomada. Ganhava o papel de mediador entre a criança e a Arte, dessa forma através das experiências proporcionadas pelo professor o aluno poderia aguçar sua curiosidade e desenvolver seu potencial artístico. Essa nova linha de pensamento fez com que os professores passassem a refletir acerca de suas reais contribuições ao ensinar Arte para os seus alunos, além de contribuir para que novas pesquisas fossem desenvolvidas no campo da Arte, mas ainda havia os pensadores da Educação influenciados por pensadores estrangeiros.

Ainda nos anos 70, houve um grande movimento na tentativa de aproximar a arte que acontecia fora da escola com a que estava acontecendo dentro, o que ajudaria a recuperar o interesse dos alunos pelo campo da Arte. Por isso, houve uma abertura do espaço escolar para a realização de eventos artísticos.

“No Brasil, no início dos anos de 1970, ocorreu um movimento no sentido de aproximar o ensino de Arte desenvolvido nas escolas do que se realizava fora delas. Nesta época, as escolas passaram a promover festivais de música, experiências teatrais, com participação intensa dos educandos. No âmbito legal, a LDB de 1971 inclui a Educação Artística nos currículos como “atividade educativa”, não como disciplina. Nas décadas de 1980 e 1990, as pesquisas desenvolveram-se no sentido de investigar o modo de aprender dos artistas e educandos, bem como os conteúdos a serem ensinados. Isto contribuiu significativamente para a melhoria do ensino de Arte. Entre as décadas de 1970 e 1980, no Brasil, emergiu a proposta de polivalência do professor de Arte, exigindo que ele integrasse em seu trabalho todas as expressões: as artes plásticas, a dança, a música e o teatro, mesmo que o trabalho seguisse sem aprofundamento e qualificação. Isso desencadeou uma decadência qualitativa no ensino de Arte.” (BARRETO, 2008, p. 93).

### 3 CAPITULO 2 – A Dança e as Leis

Neste capítulo veremos um breve relato das mudanças ocorridas nos âmbitos legais que marcaram o ensino de Arte no Brasil.

No que se refere as leis, este trabalho está pautado acima de tudo no PCN de Arte, que é a base para a elaboração do currículo da disciplina de Arte no país. Através deste documento, professores do Brasil se orientam quanto a maneira como abordar conteúdos e diferentes metodologias, e, como dito anteriormente, servem também para evitar que exista uma disparidade muito grande do ensino nas regiões brasileiras.

“Os PCNs indicam como objetivo geral do ensino fundamental que o educando desenvolva suas competências estéticas e artísticas nas diversas linguagens da área de arte (artes visuais, dança, música, teatro), com intuito de desenvolver seu trabalho pessoal e grupal, bem como para apreciar, desfrutar, valorizar e julgar a produção artística de diversos períodos históricos e culturas.” (BARRETO, 2008, p. 94).

A LDB e os PCNs proporcionaram o auge do ensino de Arte no Brasil. Com uma legislação específica, caíram por terra os pensamentos que outrora dominavam, de que a Arte é uma forma de lazer, e não uma forma de conhecimento científico como os demais componentes do currículo escolar. Mas no que se refere à Dança, somente em 1997 esta finalmente passa a ser reconhecida como parte do currículo de Arte e tem assim o embasamento legal para atuar dentro das instituições escolares.

“Desde a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5692/71 e de suas leis complementares, a então Educação Artística no Brasil era considerada somente uma atividade escolar, e não uma disciplina curricular. Historicamente, educadores sabem que o ensino de Arte vem sendo comumente visto e entendido como lazer e recreação em ambiente escolar, principalmente porque a arte ainda tem um caminho a trilhar para ser reconhecida como forma de conhecimento, de educação estética e social (vide Marques, 1989). Com a LDB 9394/96 e a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1997, a presença de Artes nos currículos escolares começa a tomar rumos diferenciados. No que se refere à dança, esta situação só foi alterada também no ano de 1997, quando, pela primeira vez na história do país, por meio dos PCNs, a dança é mencionada e sugerida em documento nacional como parte integral da educação em Arte. Mesmo assim, quando presente nas escolas, a dança ainda é, na maioria das

vezes, vista como produções e reproduções de repertórios apresentados em festas de fim-de-ano”. (MARQUES, 2007, p. 66).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 em seu artigo 25 define que o ensino de Arte na educação básica se dará da seguinte maneira:

27§ 2º “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (BRASIL, Art. 25).

Além dessa lei, os PCNs (1997) afirmam que o ensino de Arte no ensino fundamental tem como objetivo fazer com que o aluno possa desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro).

Nos anos 60, outra mudança ocorreu na composição do currículo de Arte, o Canto Orfeônico que fazia parte do currículo na primeira metade do século XX dá lugar a educação musical, mas a falta de professores habilitados no campo da arte fez com que qualquer professor sem formação específica assumissem as aulas.

“Este movimento de reorientação (ocorrido em 1960), ocorrido nos centros europeus, não influenciou muito o ensino de Arte no Brasil, pois ele continua reproduzindo as duas tendências mencionadas anteriormente. Em termos legais, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Brasileira de 1961 substituiu o Canto Orfeônico pela Educação Musical e, nessa época, o fato de existirem poucos cursos de formação de arte-educadores permitiu que professores de outras áreas ministrassem as aulas de Arte.” (BARRETO, 2008, p. 92).

A partir de 1996 com a criação da LDB, a Arte deixa de ser considerada atividade complementar e passa definitivamente a pertencer ao currículo.

“Com a Lei número 9.394/96, a arte foi considerada obrigatória na educação básica: O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.(BRASIL, 1997, p.12).

Como dito outrora, o ensino de dança e teatro sempre estiveram às margens da música e das artes visuais quando se falava em Arte nas escolas, mas com os

PCNs todas as abordagens da Arte foram incluídas e passaram a ser obrigatórias no ensino nas escolas.

“Sobre os conteúdos de arte, os PCNs (1997<sup>a</sup>, p.55) ressaltam a sua importância para a formação de cidadão que compreendam e participem da produção cultural artística. Sugerem que os critérios de seleção destes conteúdos se articulem em três eixos de ensino e aprendizagem: a produção (fazer artístico), a fruição (apreciação artística) e a reflexão (construção de conhecimentos sobre a arte). Vejo como grande contribuição dos PCNs a inclusão de todas as formas de expressão artísticas, já que, historicamente, por muito tempo o ensino de artes visuais e música foi privilegiado em detrimento do ensino de Dança e Teatro.” (BARRETO, 2008, p. 98).

Ter uma lei que regulamente e garanta o ensino da Dança não foi o suficiente. Mas por outro lado, não pode ser ignorado. Ainda é preciso garantir um ensino de qualidade e um maior acesso aos arte-educadores a uma formação adequada para de fato contribuir com a formação dos alunos.

#### 4 CAPÍTULO 3 – A Dança na Escola

A disciplina de Arte, bem como todas suas vertentes, têm asseguradas em lei a obrigatoriedade de pertencer ao currículo escolar. Contudo, veremos neste capítulo que ainda há uma disparidade entre o que a lei prevê e a prática.

“Embora a LDB 9394/96 garanta o ensino de Arte como componente curricular obrigatório da Educação Básica representado por várias linguagens – música, dança, teatro e artes visuais –, raramente a dança, a expressão corporal, a mímica, a música e o teatro são abordados, seja pela falta de especialistas da área nas escolas, seja pelo despreparo do professor.” (STRAZZACAPPA, 2001, p.71).

Alguns autores tem sido enfáticos: A dança precisa ainda conquistar o seu espaço dentro das escolas como algo acadêmico ou de igual importância em relação as demais áreas de conhecimento – linguagens, ciências naturais e exatas. Observamos que a maior parte das instituições dá prioridade as artes visuais deixando assim as demais vertentes – teatro, música e a dança, que é o nosso objeto de estudo – em segundo plano.

“No entanto, as escolas nos padrões atuais ainda rejeita a possibilidade de ser palco para que a dança entre em cena e ocupe também este espaço, como uma forma desconhecimento estético ou sensível a ser compartilhado com os outros conhecimentos lógico-formais.” (BARRETO, 2008, p. 36).

A dança tem se limitado a pequenas apresentações em datas comemorativas, onde normalmente não é feito um trabalho mais profundo ou que explore de maneira mais consciente o campo da dança, este trabalho é em sua maioria algo mais superficial, até mesmo pelo fato do professor de Arte não dispor de muito tempo hábil para tal, levando em consideração o espaço disponível para as aulas de Arte na grade semanal.

“A questão central do ensino de Arte no Brasil diz respeito a um enorme descompasso entre a produção teórica, que tem um trajeto de constantes perguntas e formulações, e o acesso dos professores a essa produção, que é dificultado pela fragilidade de sua formação, pela pequena quantidade de livros editados sobre o assunto, sem falar nas inúmeras visões preconcebidas que reduzem a atividade artística na escola a um verniz de superfície, que visa as

comemorações de datas cívicas e enfeitar o cotidiano escolar. (BRASIL, 1997, p. 25).

Uma questão apresentada com frequência é a questão da presença do “movimento” ou do “não movimento” dentro da escola. A escola já conseguiu se libertar de muitos conceitos ultrapassados, mas ainda insiste na ideia de que o corpo imóvel é o que aprende, enquanto o corpo inquieto está disperso e, portanto, não está aprendendo. É como se a escola tivesse medo de permitir essa liberdade aos corpos dos alunos e não conseguisse mais dominá-los. Porém, esse excesso de limites aos movimentos traz sobre os alunos uma limitação na apropriação dos conteúdos científicos, pois o não estar em movimento não quer dizer que se esteja de fato em aprendizagem, na verdade o movimento auxilia na aprendizagem.

“Alguns julgam que, para ocorrer a aprendizagem, é preciso que o aluno esteja sempre sentado e quieto. Privilegiar a mente e relegar o corpo pode levar a uma aprendizagem empobrecida. É preciso ver o homem como ser total e único que quer aprender de forma dinâmica, prazerosa e envolvente” (SCARPATO, 2001, p. 57).

A escola não tem se mostrado disposta a aceitar aquilo que não possa controlar. A dança, o movimento e a Arte produzem liberdade, uma liberdade não apenas física, mas também intelectual. E isso pode assustar aqueles que desejam se manter no controle.

É importante salientar que o movimento é prazeroso, principalmente na infância, onde essa necessidade é mais explícita. Então, como detentora desse poder sobre o corpo dos alunos, a escola se acha no direito de barganhar esse prazer de movimentar-se. Criando assim uma divisão entre os que optam por se submeter as regras para gozar o direito de se movimentar ou aqueles que ficam as margens das regras e dos quais o direito do movimento é negado.

“O movimento corporal sempre foi dentro do espaço escolar uma moeda de troca. A imobilidade física funciona como punição e a liberdade de se movimentar como prêmio. Estas atitudes evidenciam que o movimento é sinônimo de prazer e a imobilidade, de desconforto. Mas se é através do movimento que o indivíduo se manifesta, que indivíduos iremos formar se impedimos sua expressão?” (STRAZZACAPPA, 2001, 69).

E ainda:

“O movimento corporal sempre funcionou como moeda de troca. Se observarmos brevemente as atitudes disciplinares que continuam sendo utilizadas hoje em dia nas escolas, percebemos que não nos diferenciamos muito das famosas “palmatórias” da época de nossos avós. Professores e diretores lançam mão da imobilidade física como punição e da liberdade de se movimentar como prêmio. Constantemente, os alunos indisciplinados (lembrando que muitas vezes o que define uma criança indisciplinada é exatamente o seu excesso de movimento) são impedidos de realizar atividades no pátio.” (STRAZZACAPPA, 2001, p. 70).

Outra questão que não contribui para o ensino de dança na escola é a formação dos docentes. Começando pela contradição de que o graduado em dança não é o profissional responsável, segundo a lei, pelo ensino de dança.

“E quem procurou este caminho (Licenciados em Dança que se dirigiram as escolas para lecionar) foi surpreendido por uma legislação educacional que garante o direito de ensinar Dança apenas aos licenciados em Educação Artística e Educação Física. Aos licenciados em Dança, não. Isso ocorre porque a Dança não é uma disciplina obrigatória no currículo escolar, mas considerada um dos conteúdos das disciplinas de Educação Física e Educação Artística.” (BARRETO, 2008, p. 11).

Os profissionais que buscaram esta graduação em Dança antes de serem formados em Educação Física ou Arte acabaram sendo barrados pelas leis vigentes. A lei garante esta tarefa aos licenciados em Educação Física e Arte, os quais em suas graduações não encontram, em sua maioria, uma formação mais aprofundada em relação à dança, ficando esta especialização a critério do professor.

“Os professores que hoje atuam com dança na escola têm formação superior em Educação Física, Educação Artística, Dança ou em outra área da educação, alguns sem curso superior e que só trabalham em academias com balé clássico, sapateado etc. O currículo de Educação Física inclui várias disciplinas, entre estas a dança, ou outra nomenclatura desenvolvida em um semestre, um ano ou como disciplina optativa.” (SCARPATO, 2001, p. 66).

Essa é ainda uma questão a ser repensada, ou muda a grade curricular dos cursos de graduação que detêm o direito de lecionar a Dança, ou a dança não conseguirá o espaço necessário para que possa ser efetivamente parte real do cotidiano escolar.



“Mas, a originalidade de seus estudos fixa-se numa discussão sobre as possibilidades que o licenciado em Dança tem para poder “ensinar a dançar”, quando aponta a contradição da existência de uma habilitação perante nossa realidade escolar que não apresenta o espaço para esse profissional atuar.”. (BARRETO, 2008, p. 3).

Assim, percebe-se a necessidade de refletir sobre como se dá a formação das graduações até o caminho para a escola. Não podemos ser levianos, a ponto de colocar toda a culpa pela ausência ou má utilização da dança nas escolas sobre os ombros do professor, pois ele é um produto de sua graduação e que pode (ou não) ser lapidado pelos professores coordenadores e gestores das escolas por onde passar. Faz-se necessário que todo o grupo escolar compreenda e acredite no potencial que a dança tem, só assim o ensino da dança e todos os benefícios que ela trará consigo serão aproveitados.

“A metodologia para o ensino de Dança na escola poderia, de forma abrangente, visando à autonomia, à liberdade e ao potencial criador dos educandos, incorporar métodos de ensino de Dança que promovessem experiências em que vivenciassem aspectos da sua própria realidade, e que os permitissem transcender a ela, recriando-a e transformando-a. Uma metodologia que possibilitasse aos educandos a cooperação e a competição em suas experiências de dança; a solidariedade e a individualidade; a pluralidade de linguagens corporais construídas por diferentes abordagens técnicas e características estéticas, sendo capazes de inventar e construir a sua própria; a apreciação e o conhecimento de diferentes estratégias como instrumentos e propostas de ação pedagógica, no campo da dança.” (BARRETO, 2008, p. 105).

Como vimos, a dança na escola ainda não ocorre de maneira a contribuir com a formação dos educandos, porém, vemos que a mesma possui uma vasta importância para o desenvolvimento integral do indivíduo e não apenas na área da motricidade como é vista em sua maioria. A dança também pode servir como ferramenta de auxílio ao professor tornando o ensino/aprendizado mais dinâmico e prazeroso.

“A dança, assim como é proposta pela área de Arte, tem como propósito o desenvolvimento integrado do aluno. A experiência motora permite observar e analisar as ações humanas propiciando o desenvolvimento expressivo que é o fundamento da criação estética. Os aspectos artísticos da dança, como são aqui propostos, são do domínio da arte.” (PCN, 1997, p. 50).

## 5 CAPITULO 4 – A Dança e sua importância

A Dança faz parte da Arte. A Arte está presente em nossa vida cotidiana, em tudo o que nos rodeia. Não existe vida sem arte, portanto este é o primeiro argumento que a torna importante para que Arte faça parte do processo educacional. Além de que é importante para uma criança ainda na infância aprender a compreender a Arte e todas as formas de expressão artística para poder desenvolver ao longo da vida uma compreensão melhor do mundo.

“Portanto, é importante refletir sobre o conceito, objetivos e dimensões educacionais da Arte, antes de discutir, propriamente, seus conteúdos. Afinal, qual seria o sentido de saber o que ensinar desta Arte, se não compreendermos o que ela é o porquê de ela estar presente no processo educacional?” (BARRETO, 2008, p. 98).

Quando o PCN passou a vigorar a dança finalmente conseguiu conquistar o seu espaço dentro das escolas, mas a partir daí novos desafios surgiram, principalmente o fato de que ter dança dentro de uma escola não garante a qualidade de ensino, a legislação não pode assegurar a metodologia nem tão pouco as “marcas” que este trabalho deixa nos alunos que passam por essa sala de aula. É necessário um empenho coletivo para que o ensino de dança se torne tudo aquilo que foi proposto em lei. Toda a equipe escolar juntamente com as universidades de onde saem esses profissionais e os órgãos aos quais competem legislar sobre a educação tem que se dispor a garantir um ensino de Dança – e as demais vertentes da Arte – de qualidade.

“Mas, basta “ter” dança nas escolas? Um repertório bem ensaiado de alguma dança popular cumpre o papel artístico e educativo da dança na escola? Ou a dança na escola tem como compromisso social ampliar o escopo, a visão e as vivências corporais do aluno em sociedade a ponto de torná-lo um sujeito *criador-pensante* de posse de uma linguagem artística transformadora? A entrada da dança na “legalidade” trouxe consigo desafios, entre eles a busca de consistência e qualidade para seu ensino nas salas de aula. Dado o primeiro passo, o da introdução legal, é preciso hoje ir além e discutir o *tratamento* que se dá à inclusão da dança nas escolas. Ou seja, é necessário nesse momento pensarmos cuidadosamente em metodologias que permitam problematizar, articular, criticar e transformar as relações entre a dança, o ensino e a sociedade”. (MARQUES, 2007, p. 101).

É de extrema importância o ensino de dança na escola, não apenas por fazer parte do currículo obrigatório, mas porque quando é desenvolvido um trabalho com dança, todas as demais disciplinas são beneficiadas, pois a educação só é completa quando o corpo não é esquecido no momento da aprendizagem.

“A educação deve integrar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem.” (SCARPATO, 2001, p. 60).

Dançar é vital para o ser humano, um ensino sem dança não pode ser considerado completo.

“Dançar é essencial à formação humana e seu ensino na escola tem o potencial de contribuir para a construção de um processo educacional mais harmonioso e equilibrado” (BARRETO, 2008, p. 83).

Através da dança não apenas a parte motora é bem desenvolvida mas também o intelecto da criança.

“A atividade da dança na escola pode desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona. Assim, poderá usá-lo expressivamente com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade.” (BRASIL, 1997, p. 49).

A dança se faz importante para a formação de indivíduos completos, pessoas que tenham uma consciência corporal desenvolvidas e que saibam trabalhar em equipe. Todos esses valores podem ser desenvolvidos com um trabalho no campo da dança, valores estes que são essenciais para a formação de sujeitos bem sucedidos.

“Um dos objetivos educacionais da dança é a compreensão da estrutura e do funcionamento corporal e a investigação do movimento humano. Esses conhecimentos devem ser articulados com a percepção do espaço, peso e tempo. A dança é uma forma de integração e expressão tanto individual quanto coletiva, em que o aluno exercita a atenção, a percepção, a colaboração e a solidariedade. A dança é também uma fonte de comunicação e de criação informada nas culturas. Com a atividade lúdica a dança permite a experimentação e a criação, no exercício da

espontaneidade. Contribui também para o desenvolvimento da criança no que se refere à consciência e à construção de sua imagem corporal, aspectos que são fundamentais para seu crescimento individual e sua consciência social. Nas atividades coletivas, as improvisações em dança darão oportunidade à criança de experimentar a plasticidade de seu corpo, de exercitar suas potencialidades motoras e expressivas ao se relacionar com os outros. Nessa interação poderá reconhecer semelhanças e contrastes, buscando compreender e coordenar as diversas expressões e habilidades com respeito e cooperação.” (BRASIL, 1997, p. 49).

É fundamental para o bom desenvolvimento da criança dançar e o sistema educacional junto com as escolas têm de criar meios, além dos termos legais já existentes, para que este ensino ocorra.

“Dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É fundamental para a criança que nasce dançando, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante (...).” (BÉJART apud GARAUDY, 1980).

A Dança precisa ainda ser vista como um conhecimento científico, algo que tem total condição de transformar o educandos e suas perspectivas de vida. Estar presente do documento que serve como parâmetro para o ensino no Brasil é sem dúvida o primeiro passo para alcançar o reconhecimento.

“Outro fator importante, marcado pelo senso comum, é a tentação de encarar a dança como puro divertimento, desprovida de conteúdos e/ou de mensagens culturais que podem transformar a vida e, portanto, o convívio em sociedade. Ainda há, infelizmente, certa ingenuidade quanto ao corpo que dança e ao corpo na dança no ambiente escolar. Relegada na grande maioria dos casos a festas e comemorações, ou à imitação de modelos televisivos, frequentemente ignoram-se os conteúdos socioafetivos e culturais presentes tanto nos corpos como nas escolhas de movimentos, coreografias e/ou repertórios, eximindo os professores de qualquer intervenção para que a dança possa ser dançada, vista e compreendida de maneira crítica e construtiva.” (BRASIL, 1998, p.71).

## 6 CAPÍTULO 5 – Um olhar para a prática docente

Mesmo dando destaque ao corpo/movimento este trabalho ainda tem como tema central a educação. Com o intuito de aproximar e comparar o que foi pesquisado com a prática cotidiana tivemos acesso ao Plano de Ensino de dois professores de Arte e um de Educação Física –sendo que o conteúdo de Dança é pertinente a essas duas disciplinas. Portanto este capítulo está destinado a análise destes Planos de Ensino dos últimos dois anos de três professores diferentes. Escolhemos os últimos dois anos pelo fato de que em cada ano a disciplina de Arte foi ministrada por um professor diferente, enquanto as aulas de Educação Física foram ministradas pelo mesmo professor. Outro fator determinante para limitar esta escolha foi o fato que antes deste período a escola não contava com professor de Arte. Esta disciplina estava sob regência de professores eventuais, pois não haviam profissionais com formação específica na área que demonstrassem interesse em assumir o cargo. Este fator de certa forma comprometeu a formação dos alunos, uma vez que os profissionais eventuais não tinham uma formação específica em Arte, possuíam apenas o Magistério ou a Licenciatura em Pedagogia.

A seguir analisaremos os Planos de Ensino, conforme dito anteriormente, mas iremos destacar apenas os pontos que são pertinentes ao conteúdo relacionado a dança, ou caso não existam, o que mais se aproxime do nosso objeto de estudo. Para que a identidade destes professores permaneça preservada eles serão apresentados como A e B, professores de Arte, e o professor de Educação Física como C.

Não existe uma padronização para os Planos de Ensino, sabe-se que todos devem conter objetivos, conteúdos, procedimentos e avaliação, mas a forma como estas informações estarão organizadas varia de acordo com o professor, o que por vezes dificultou a coleta de informações.

Segundo seu Plano de Ensino o professor "A" demonstrou preferência pelas artes visuais, de acordo com seu Plano de Ensino os conteúdos propostos para as classes de 1º a 5º Ano eram: noção corporal; desenho; pontos e linhas; diferenciação de superfícies; utilização da linha reta na Arte; cores primárias, secundárias e terciárias; escritos em quadrinhos; um só desenho vários efeitos; cores frias e quentes; trabalhar o conceito de ritmo; símbolos e sinais; corpo humano: figuras estáticas e em movimento; conhecendo os artistas: Pablo Picasso,

Cândido Portinari, Van Gogh, Claude Monet, Tarsila do Amaral, Georges Seurat; aprender a desenhar mais fielmente e estilizar o traço; ampliação e redução de desenhos; técnica de quadriculamento; onomatopeias; família das formas; expressão oral e corporal – jogos e brincadeiras. De acordo com este Plano de Ensino os conteúdos que mais se aproximam da dança, já que esta especificamente não aparece em nenhum momento, são: noção corporal, trabalhar o conceito de ritmo e expressão oral e corporal – jogos e brincadeira. Porém ao analisarmos os procedimentos, que é como estes conteúdos serão realizados na prática, o professor retorna para as Artes Visuais como evidencia a tabela abaixo.

**Tabela 1 – Plano de Ensino de Arte 1**

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS
Ampliar seu autoconhecimento, identificando sua personalidade e qualidades pessoais.	Noção Corporal	Recortar e colar; confeccionar cartazes, painéis ou murais.
Ampliar a habilidade nas produções artísticas; Compreender e respeitar o ritmo de cada pessoa.	Trabalhar o conceito de ritmo	Desenhar e pintar a sequência de ritmos nas figuras; Criar um ritmo musical.
Desenvolver a auto expressão; Desenvolver a desinibição pessoal.	Expressão oral e corporal – jogos e brincadeira	Composição com lápis de cor, giz de cera, pastel, guache, aquarela, etc.; Dividir a sala em grupos e trabalhar a mímica e exercitar a adivinhação.

Fonte: Elaborada pela autora.

O Plano de Ensino do professor “B” é mais completo do que o anterior, este Plano aborda os quatro pilares que compõe a disciplina de Arte – Dança, Artes Visuais, Música e Teatro. Os conteúdos previstos para os anos iniciais do Ensino Fundamental do professor "B" são: Aspectos da vida e obra de diversos artistas – entre os nomes a serem estudados estava Ana Botafogo; Arte rupestre; Arte indígena; elementos da gramática da linguagem artísticas e suas relações compositivas (ponto, linha, forma, cores primárias, elementos neutros, planos compositivos, fontes sonoras, origem propriedades e formas de produção do som, família dos instrumentos musicais); elementos estruturais do desenho; elementos

formais da linguagem visual, recorte e colagem; máscaras e suas simbologias da Grécia até a África; conceito de dramaturgia; formas teatrais; elementos da linguagem dramática; categorias e gêneros de pintura; estrutura da composição visual; introdução à história da fotografia; organização de movimentos corporais no espaço, em diferentes planos, posições e direções das articulações do corpo; a voz como recurso expressivo; história da Arte; criação e produção de formas artísticas; elementos estruturais e expressivos das linguagens artísticas; criação e produção de formas artísticas; elementos estruturais e expressivos da linguagem musical e elementos estruturais e expressivos da linguagem dramáticas.

Na tabela abaixo estão destacados os objetivos (nesta tabela, diferente das demais, os objetivos são comuns aos três conteúdos e procedimentos), conteúdos e procedimentos sobre dança do professor “B”.

**Tabela 2 – Plano de Ensino de Arte 2**

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS
Desenvolver processos pessoais e coletivos de criação e produção artística, empregando recursos técnicos e estruturais próprios de cada uma das linguagens artísticas possíveis.	Ana Botafogo	Passos de ballet Estruturação de enredo coreográfico
Estimular o seu desenvolvimento cognitivo, através de jogos teatrais, músicas, histórias, imagens e paisagens, ou seja, produzir, apreciar e conhecer.	História da Arte	Dança e Mudança
Conhecer/reconhecer esquema corporal, imaginação, fantasia, linguagem, capacidade de abstração.	Criação e Produção de formas artísticas	Elementos estruturais e expressivos da Dança Dança e Expressão Corporal

Fonte: elaborada pela autora.

No Plano de Ensino do professor "B" está previsto o conteúdo de Dança diferentemente do anterior. Esta aparece em três momentos diferentes: o primeiro, ao estudar a vida de diversos artistas o professor incluiu a bailarina Ana Botafogo, primeira-bailarina do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, e com esse viés os procedimentos adotados foram passos de Ballet e também a criação de um enredo coreográfico. No conteúdo seguinte o professor inclui a Dança como um dos procedimentos a ser realizado na História da Arte e por fim na criação das diferentes formas artísticas a dança e a expressão corporal aparecem como procedimento a serem adotados. Mas não fica claro qual a pretensão do professor quanto a realização dos mesmos, os procedimentos são vagos, dando margem a qualquer tipo de abordagem.

Comparando o Plano de Ensino dos Professores "A" e "B", o segundo Plano de Ensino com certeza apresenta vários pontos positivos, como o fato de se propor a trabalhar as quatro modalidades de Arte previstos no PCN – Música, Dança, Teatro e Artes Visuais – e dentro de cada modalidade procurou explorar as modalidades adjacentes, dentro de Artes Visuais trabalhou praticamente todos os conteúdos propostos no PCN; no que se refere à Música e ao Teatro não foi diferente.

Porém no que se refere à dança o conteúdo previsto é mínimo comparado ao demais, o professor se restringiu ao ensino do ballet como elucida a tabela 2, os demais estilos, ritmos não apareceram em nenhum outro ponto, nem mesmo algo relacionados as danças brasileiras. Por mais que esteja previsto o conteúdo vale destacar que o ensino de dança não pode ser limitado ao ballet da mesma maneira que o ensino das artes visuais não se limita apenas a uma técnica de pintura, por exemplo, existem infinitas possibilidades que poderiam e deveriam ser exploradas.

O Plano de Ensino do professor "C", de Educação Física, os conteúdos previstos pertinentes aos alunos do Ensino Fundamental ciclo I são: Habilidades motoras básicas, específicas e combinadas; atividades rítmicas e expressivas; psicomotricidade; jogos simbólicos; consciência corporal; formação de valores; jogos populares; lateralidade; noção espacial; jogos competitivos e cooperativos; atividades e danças folclóricas, ginástica; jogos simplificados; capacidades físicas (capacidade cardiorrespiratória); agilidade; força; equilíbrio; flexibilidade; potência; jogos com regras diversificadas e complexas; orientação postural; criação e transformação de jogos; noções sobre olimpíadas; noções gerais de nutrição;



classificação dos esportes; atividade física e saúde; primeiros socorros; Educação Física adaptada.

Por mais que tenha muito “movimento” neste Plano de Ensino, no que se refere a ainda está muito aquém do que poderia ser executado nesta disciplina, destacamos os conteúdos que mais se aproximaram diante do que analisamos como veremos mais detalhadamente na tabela a seguir.

**Tabela 3 – Plano de Ensino de Educação Física**

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS
Formular estratégias para identificar, analisar e praticar os ritmos, os gestos e as músicas nas atividades rítmicas e expressivas;	Atividades rítmicas e expressivas	Utilizar músicas e/ou instrumentos musicais;
Conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar de algumas das diferentes manifestações da cultura corporal, adotando uma postura não preconceituosa ou discriminatória por razões sociais, sexuais ou culturais;	Danças folclóricas	Permitir esforços criativos, oportunidades exploratórias e descobertas

Fonte: elaborada pela autora.

É certo que para haver dança se faz necessário: agilidade, força, equilíbrio, flexibilidade, potência e até mesmo orientação postural, mas no que diz respeito a este Plano de Ensino não fica claro nos procedimentos como será a execução destes conteúdos, por isso não foram listados como conteúdos de dança no recorte feito por nós no Plano de Ensino.

Esta análise serviu para reforçar a teoria defendida por vários autores: O ensino de Arte e Educação Física - ambas disciplinas que tem como ponto em comum o tema central deste trabalho - e mais especificamente a dança, é algo extremamente subjetivo e relativo; por mais que existam parâmetros que universalize os conteúdos, mas a prática está extremamente vinculada ao professor, as áreas que este demonstra ter mais afinidade ou maior domínio e ao seu gosto pessoal.

Um dos fatores que colabora para essa subjetivação no ensino se dá, talvez, por conta da falta de uma sistematização do currículo de Educação Física e Arte; diferente do que acontece com as demais disciplinas. Se o conteúdo de Dança tivesse um espaço assim como os demais conteúdos do currículo que tem uma especificação do que deve ser dado para cada série/ano seria uma forma de garantir que todos tivessem acesso, mesmo que de maneiras diferentes, sempre de acordo com as habilidades do professor.

O documento que serve como referência para o currículo de Arte e Educação Física é o PCN. Assim separamos o que cada documento apresenta como sugestão de conteúdo para estas disciplinas e também sugerimos atividades que envolvam os conteúdos sugeridos.

O PCN Educação Física (2001) sugere uma lista de danças e atividades rítmicas que podem ser incorporadas ao currículo pelo professor, tais como: danças brasileiras; danças urbanas; danças eruditas; danças e coreografias associadas a manifestações musicais; lengalengas; brincadeiras de roda, cirandas; escravos-de-jó. Estas sugestões devem ser adaptadas para os diferentes ciclos, levando em consideração as demais temáticas a serem trabalhadas dentro do Plano de Ensino do ano letivo.

Para o ciclo I (1º ao 3º ano) sugere a “participação em danças simples ou adaptadas pertencentes a manifestações populares, folclóricas ou de outro tipo que estejam presentes no cotidiano.”. E ainda a “apreciação e valorização de danças pertencentes à localidade”. Utilizando este viés das danças brasileiras como conteúdo e com o objetivo de valorizar a cultura nacional, sugerimos como um procedimento a ser utilizado pelo professor de Educação Física apresentar aos alunos por meio de vídeo, danças de diversas regiões do país, a partir disso permitir que eles escolham qual lhe chamou mais a atenção e ensaiem para apresentar aos colegas de classe ou até mesmo fazer uma mostra de dança brasileiras envolvendo toda a escola.

Para o ciclo II (4º e 5º ano) os conteúdos sugeridos relacionados a dança são:

“Participação em danças pertencentes a manifestações culturais da coletividade ou de outras localidades, que estejam presentes no cotidiano”; “apreciação e valorização de danças pertencentes à localidade”; “valorização das danças como expressões da cultura,

sem discriminações por razões culturais, sociais ou de gênero”; “desenvolvimento de capacidades físicas dentro de lutas, jogos e danças, percebendo limites e possibilidades”. (BRASIL, p. 75).

Diante destes conteúdos propomos um projeto interdisciplinar com o tema África. Onde ficaria a cargo do professor polivalente as disciplinas de matemática, português, geografia; e nestas disciplinas podem ser trabalhado os conteúdos a respeito de distâncias, quilômetros, índices populacionais, gráficos, diferenças de linguagens, textos informativos, e para os professores especialista de Arte e Educação Física apresentarem diferentes tipos de danças e ritmos africanos, suas particularidades e pontos em comum com nossas danças e posteriormente coreografar uma dança africana.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os objetivos propostos inicialmente todas as perguntas foram respondidas, algumas parcialmente como o caso da graduação dos professores, acreditamos que seja necessário uma pesquisa que foque apenas neste assunto, devido a sua amplitude e diversidade.

Concluimos que o ensino de dança evoluiu historicamente, conseguiu seu espaço dentro da escola, mas, infelizmente a lei não foi o suficiente para garantir o ensino nas vias de fato. Acreditamos que a subjetividade seja um problema no que diz respeito ao ensino.

O ensino de Arte e Educação Física e mais especificamente a dança, não é uma ciência exata, muito pelo contrário, é algo extremamente subjetivo; com objetivos que abrem margem a muitas possibilidades e onde a prática está extremamente vinculada ao professor, as áreas que este demonstra ter mais afinidade, os conteúdos em que se sente mais confortável para ensinar e ao seu gosto pessoal, o que por vezes limita o ensino chegando a casos de não haver dança no Plano de Ensino.

Entretanto o professor não é o único responsável pela falta de dança no currículo escolar, a escola como um todo privilegia o ensino tradicional, aquele onde as prioridades são atingir índices, alfabetizar, avaliações externas entre tantas outras pressões. Diante disso a dança, quando inserida no ambiente escolar, fica restrita a pequenas apresentações isoladas em datas comemorativas. O problema não é apresentar-se no final do ano e sim esse espetáculo ser um fato isolado do restante do ano, o ideal seria que este espetáculo de fim de ano fosse um reflexo de tudo o que foi desenvolvido com o corpo ao longo do ano, permitindo ao aluno acompanhar sua evolução em relação a consciência corporal, os limites superados e as possibilidades ainda existentes.

Outro ponto observado é a falta de uma graduação adequada que permita a esses professores lecionar dança com segurança. Seria interessante que a graduação mostrasse a esses professores a necessidade de firmar este conteúdo, para que o espaço conquistado não fosse perdido novamente.

A metodologia escolhida serviu para dar uma visão geral do ensino de dança, daquilo que é garantido por lei, mas seria interessante observar em campo

como acontece este ensino, quais são as angústias e desafios desses recém graduados que chegam as escolas para ensinar dança.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Débora. **Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola**. 3<sup>o</sup> Edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

BARTON, Anna. **Espírito da Dança**, tradução de Renata Carvalho Lima Ramos – 2<sup>a</sup>. Ed. – São Paulo – TRIOM, 2004.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei número 9394**, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: arte** / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – 3.ed. – Brasília: A Secretaria, 2001.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física** / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – 3.ed. – Brasília: A Secretaria, 2001.

BRASILEIRO, Livia Tenorio; MARCASSA, Luciana Pedrosa. Linguagens do corpo: dimensões expressivas e possibilidades educativas da ginástica e da dança. **Proposições**, Campinas, v. 19, n. 3, dez. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072008000300010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000300010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 31 jan. 2013.

GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. 4<sup>o</sup> Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4<sup>o</sup> Edição. São Paulo: Atlas, 2009.

FREIRE, Ida Mara. Dança-educação: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 21, n. 53, abr. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622001000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 31 jan. 2013.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na Escola**. 4<sup>o</sup> Edição. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de Dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

MENDES, Miriam Garcia. **A Dança**. 2<sup>o</sup> Edição. São Paulo: Ática, 1987.

NANNI, Dionisia. **Dança-Educação: Pré-escola à Universidade**. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1995.

SCARPATO, Marta Thiago. Dança educativa: um fato em escolas de São Paulo. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 21, n. 53, abr. 2001. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622001000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 31 jan. 2013.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 21, n. 53, abr. 2001. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622001000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 31 jan. 2013.